

# Índia: a grande potência intermediária

Tenho a impressão de que, de todas as “grandes potências” do sistema-mundo contemporâneo, seja qual for a definição de “grande potência”, a Índia é a que recebe menos atenção. Admito que isso tem sido verdade para mim, mas também é verdade para a maioria dos analistas geopolíticos.

Porque haveria de ser assim? Afinal de contas, a Índia está a se aproximar rapidamente do ponto em que terá a maior população do mundo. É respeitavelmente elevada na maioria das medidas de força económica e está sempre a melhorar. É uma potência nuclear e tem uma das maiores forças armadas do mundo. É membro do G20, que é o antessala de ser uma grande potência. No entanto, não é membro do G7, que é um grupo muito mais restrito e muito mais importante.

É um dos cinco países conhecidos como BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Mas os BRICS, a força crescente das economias “emergentes” no início do novo século, agora caiu em importância geopolítica, já que suas economias, com exceção da China, enfraqueceram radicalmente desde o declínio pós-2008 da economia mundial. São oficialmente membros, com a China e a Rússia, mas também com o Paquistão, da Organização de Cooperação de Xangai, mas esta estrutura nunca pareceu tornar-se uma força importante na política mundial.

Os governos da Índia, qualquer que tenha sido o partido no poder, gastaram muita energia em busca de um papel maior no sistema-mundo. Em particular, têm procurado obter apoio de outras potências na longa disputa da Índia com o Paquistão sobre Caxemira. Nunca pareceram ter atingido este objectivo.

Nos dias da guerra fria, a Índia era oficialmente neutra e de fato mais próxima da Rússia. Desde o colapso da União

Soviética, a Índia tem tentado melhorar suas relações com os Estados Unidos. Mas o que ganhou em termos de apoio dos EUA, perdeu em termos de política chinesa. A China tem tido sérios conflitos armados com a Índia por causa do território, e está irritada com a hospitalidade da Índia ao Dalai Lama.

A Índia tem sido um país raro na Ásia para ter um sistema parlamentar funcional, com mudanças na força eleitoral entre o Partido do Congresso (herdeiro do movimento de independência) e o Partido Bharatiya Janata (um movimento nacionalista hindu de direita). Este fato recebe aplausos regulares de analistas e líderes políticos nos países pan-europeus, mas não parece ter significado que eles apoiem as demandas da Índia por um maior reconhecimento em qualquer grau importante.

Uma pergunta que devemos fazer é: “Quem realmente precisa da Índia?” Os Estados Unidos, especialmente desde que Donald Trump chegou ao poder, querem que a Índia compre mais dela sem, no entanto, investir muito em troca. De facto, neste momento, o regresso do pessoal indiano de tecnologia da Internet à Índia a partir dos Estados Unidos (e de outros países ocidentais) está a ameaçar os Estados Unidos com uma perda significativa de emprego num dos poucos setores onde os Estados Unidos têm estado bem até agora.

A China precisa da Índia? É claro que a China quer o apoio da Índia em qualquer das suas querelas com os Estados Unidos, mas a Índia é rival do apoio dos países do Sudeste Asiático e não um parceiro no seu desenvolvimento. A Rússia e o Irão poderiam utilizar o apoio indiano nas questões do Médio Oriente, mas a Índia hesita em dar demasiado apoio, mesmo quando basicamente concordam com questões relativas, por exemplo, ao Afeganistão, por medo de ofender os Estados Unidos. As nações do sudeste asiático acreditam que chegar a um acordo com a China será mais compensador do que chegar a um acordo com a Índia.

O problema, claramente, é que a Índia é um Estado “intermediário”. É suficientemente forte para ser levado em

conta por outros. Mas não é suficientemente forte para desempenhar um papel decisivo. Assim, à medida que as outras potências fazem constantemente malabarismos com as suas prioridades, a Índia parece destinada a ser uma potência que reage às suas iniciativas, em vez de ser uma potência à qual as outras reagem às iniciativas indianas.

Será que isto vai mudar na próxima década? Na geopolítica caótica do atual estado do sistema-mundo, tudo é possível. Mas não parece muito provável.

Original: [Immanuel Wallerstein](#)